

Em nome de Cristo,
nossa paz,
deixai-vos reconciliar ¹

Em nome de Cristo

A expressão, na qual se concentra a mensagem da estreia, é tirada do mesmo contexto paulino que inspirou a Carta do Reitor-Mor: "Reconciliou-nos consigo e confiou a nós o ministério da Reconciliação".²

Essa expressão é precedida por outras duas expressões que ocorrem nas cartas de São Paulo, transcritas alguma vez literalmente; outras vezes, conforme o sentido. Elas concentram pontos fundamentais da reflexão cristã. Sobretudo são muito oportunas na celebração do bimilenário do nascimento de Cristo, que já iniciamos com toda a alma, nesse

¹ Cf 2 Cor 5,20

² ACG 369, settembre 1999

tempo de globalização, em que se tentam olhares de conjunto sobre o mundo e sobre a história humana.

"Em nome de Cristo" é um 'chamado' à máxima autoridade e à força da autoridade (poder e amor) para um cristão com relação ao comportamento pessoal,³ aos relacionamentos comunitários,⁴ à nossa oração⁵ que sobe a Deus, a todos os bens e à salvação total⁶ que, de Deus, podem vir a nós. Podem citar-se inúmeras expressões que confirmam isso. Sirva como exemplo esta, para nós, muito conhecida: "Em o nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra".⁷

Colocada na estreia do ano 2000, linha de divisão entre séculos e milênios, contém uma ligação à consciência cristã que deve ser despertada a mais não poder e deve tornar-se conhecedora dos bens presentes no tempo em que vivemos, das graças extraordinárias e das responsabilidades que recebemos.

A aproximação da paz, que o coração do homem e a humanidade desejam em toda parte, está também ligada a Cristo e hoje suscita inúmeras ressonâncias: "De fato ele é a nossa paz: de dois povos fez um só, derrubando em sua carne o muro da inimizade que os separava"⁸

³ Cf Col 3,17; 2 Ts 3,6

⁴ Cf 1 Cor 1,10

⁵ Cf Mt 18,30; Jo 14,13; Jo 16,23

⁶ Cf Rm 10,13

⁷ Fil 2,10

⁸ Ef 2,14-15

Inúmeras ressonâncias, porque lembra velhas divisões de cultura e religião entre os homens, faz menção de uma causa histórica endurecida e persistente que está na origem (a inimizade, a separação, o muro!) e atribui a Jesus, que uniu o homem a Deus e os homens entre si, a certeza, não só de superar essas inimizades, mas a vitória já alcançada sobre elas.

A estreia, então, é um convite para manter vivo o tema da reconciliação e para explicitar ainda alguns aspectos, que são profundamente pessoais e tão grandes quanto a humanidade, espirituais e práticos, isto é, capazes de incidir no fluxo dos eventos na passagem de um milênio de "acontecimentos" e projetos humanos, rumo a um outro que é quase um milênio de "sonho".

Ligação

Na carta de setembro de 1999, à qual me referia acima, já refletimos sobre a **Trindade**, comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito, como fonte da própria possibilidade de uma reconciliação sem limites com relação ao que se refere à gravidade e à quantidade das culpas ou à integração harmoniosa das diversidades legítimas.

Lembramos também o **ministério de Cristo** a favor da reconciliação: anúncio, convocação, oferta, exemplo, dom à igreja do

Espírito que é amor, entrega do poder de reconciliar. Serviram-nos, como guias, as narrações do Evangelho, pois a reconciliação é, ontem e hoje, um acontecimento de vida: um encontro que se experimenta e se pode narrar, uma história que se constrói.

Procuramos também descrever o **caminho** que a pessoa deve percorrer na volta à Casa do Pai: acolher a graça do chamado, avaliar a própria vida à luz desta graça, reconhecendo as raízes do mal, iniciar o caminho da volta e aprender a viver na casa do Pai. A casa do Pai é, ela mesma, a comunidade nas suas diversas esferas, a humanidade, o cosmo.

Tudo isso relemos à luz da **nossa espiritualidade salesiana**, que é também pedagogia para os pequenos e para os pobres e, por conseguinte, pede-nos que sejamos pessoas reconciliadas e capazes de reconciliar por meio da mediação educativa e por meio do sacramento.

Daqui partimos para realizar, no fascinante cenário, ainda virtual e "simulado" do ano 2000, e na simplicidade da vida quotidiana, tudo o que temos recebido com a mente, de tal maneira que o ano jubilar seja um caminho de conversão de longo alcance: conversão globalizada!

Ano 2000: plenitude dos tempos

A graça de um retorno ou nova aliança que Deus nos oferece, é assinalada pelas características do **tempo**, no qual acontece a nossa reconciliação. Do nosso próprio modo de falar, percebemos que a palavra "tempo" tem dois significados principais. Um é o sentido "cronológico": indica a duração ou a colocação de um acontecimento na sucessão dos anos, dos dias e das horas. Assim dizemos "passaram dois mil anos desde o nascimento de Cristo" ou "no ano dois mil, se celebra o Jubileu".

Diria que este não é o significado mais importante. Trata-se somente da data, do calendário: de um 'contêiner', de um ambiente aberto, mas ainda vazio, de uma agenda ainda "não usada".

O outro é o sentido "histórico" ou humano: o conjunto de acontecimentos, principalmente dos mais significativos e cheios de consequências, que caracterizam uma parte do decorrer da nossa duração. Indicamos esse tempo histórico com expressões, tais como: "estávamos em tempo de guerra", ou "o nosso é tempo de mercado" ou "vivemos ainda os tempos do Concílio". O aspecto mais importante é: o conteúdo, isto é, as angústias, as esperanças, as preocupações, os projetos, os medos, as realizações que marcam um momento ou uma fase da vida do homem.

Esse "tempo" histórico tem em sua consistência. Isto é, não é uma opinião, um modo conforme o qual o olho ou a mente humana compõe as coisas, uma teoria ou um reflexo num espelho. As coisas acontecem realmente (não estão num diapositivo ou videocassete!). Se não estivéssemos convencidos disso, bastaria pensar nas realidades trágicas dos campos de concentração ou nas realidades mais consoladoras, como a da exploração do espaço.

Essa reflexão não é para encher tempo; serve para introduzir a ideia de "**plenitude dos tempos**". Ela não corresponde a um número de anos transcorridos: Deus não se regula pelo relógio, nem pelo calendário, nem pela agenda. A "plenitude" não é uma qualidade que o tempo cronológico possa adquirir acumulando anos ou milênios. A hora ou o milésimo ano são exatamente iguais aos primeiros e o suceder-se de milhões deles não causa nenhuma diferença de qualidade.

A "plenitude" se refere ao tempo "histórico", ao tempo que acontece para o homem. Neste sentido, a presença de Deus na história, através de seu Filho, é o ponto mais alto e mais pleno dos tempos. Por isso, os Evangelhos são grandes meditações de fé sobre a história de Jesus, nos repetirão que Ele veio quando se completaram os tempos e que Ele é o cumprimento ou a plenitude dos tempos. "Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de

mulher, nascido sujeito à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos".⁹

Os dois acontecimentos coligados, isto é, a presença encarnada de Deus e, na consciência do homem, a revelação de ele ser filho de Deus, são vértices sem igual no suceder-se dos tempos.

"Na plenitude dos tempos",¹⁰ Deus revelou e realizou simultaneamente o acontecimento de enviar o seu Filho ao mundo e o "salto" na autoconsciência do homem: isto é, a sua grande revelação e, para nós, a maior descoberta: "do mistério mantido em sigilo desde sempre. Agora este mistério foi manifestado".¹¹

O importante para nós, homens e mulheres do ano 2000, é que este acontecimento não é passado, mas presente; e é tão intenso hoje como no tempo da existência terrena de Jesus. Não só, mas, pela Ressurreição, Jesus permanece vivo no Pai e no mundo, no céu e na terra, e vai tornando plenos de significado e de graças, acontecimentos e pessoas.

Nós vivemos os tempos da "encarnação" de Deus, através de Cristo e através da consciência humana de sermos filhos de Deus, não só por palavras, mas na verdade. Ambos os acontecimentos devem ter ainda outras manifestações.

⁹ Gl 4,4

¹⁰ Ef 1,10

¹¹ Rm 16, 25-26

Por isso, se fala também de uma "plenitude" última dos tempos, cantada exatamente no hino de São Paulo, que já citamos, a qual consistirá em "recapitular tudo em Cristo, tudo o que existe no céu e na terra".¹²

O percurso não foi e não será somente uma evolução, mas uma renovação da aliança de acordo com a ininterrupta fidelidade de Deus com luminosos "imprevistos" para o homem.

O sinal deste percurso, feito de fidelidade e de surpresas, é a Igreja. Nela não só permanece o patrimônio moral e doutrinário de Cristo, mas mora Ele mesmo, Ressuscitado, na comunhão dos homens com Deus e com eles mesmos.

A plenitude do ano 2000: a paz.

De tudo que foi dito, compreende-se que mento de Cristo, a escuta de sua conversão a Ele e a incorporação de pessoas e grupos na sua Ressurreição, onde aconteçam, são mudanças radicais de época. Em que sentido quereríamos que tal mudança se orientasse hoje, para cada indivíduo e para a humanidade?

O nosso tempo, no sonho de um futuro feliz possível, tem um desejo coletivo dominante: a Paz. Temos parâmetros ou indi-

cadores para afirmarmos isso quase categoricamente. Começo dos fatos mais evidentes.

Há um **cansaço geral** dos conflitos armados. As imagens de Timor, de Angola, dos Balcãs, do Afeganistão, da Chechênia, do Congo, do Ruanda, da Etiópia, da Argélia, difundidas em todo o mundo, produziram uma rejeição quase espontânea das intervenções ou confrontos armados.

Também quando alguma razão política ou até humanitária parece justificar esses conflitos armados, são considerados "a alternativa do diabo", isto é, um sinal da incapacidade moral dos homens. Sempre há suspeitas, totalmente justificadas pelos fatos, que, por baixo, haja sempre razões "de lobo".

Se houvesse um "referendum" mundial a fim de que o povo pudesse opinar sobre esta forma de resolver as divergências, isto é, com o emprego de meios que destroem cidades, recursos e pessoas, a maioria dos votantes se pronunciaria em forma negativa.

O segundo sinal é a **condenação moral e prática** da guerra. "Moral" quer dizer que, hoje, a guerra nunca é "justa". A guerra justa fica na teoria e no passado. Apenas se movem as máquinas de guerra e atacam bairros e pessoas que não têm nada a ver com as vantagens do conflito, as injustiças se acumulam a ponto de caracterizarem a própria ação militar. Os bombardeios "cirúrgicos"

sempre foram uma "trapaça", um engano perpetrado pela propaganda.

A esta condenação moral sem apelação, junta-se a condenação prática. Chegou-se à conclusão de que as guerras não constituem nunca verdadeiras soluções, mas acabam sendo sementes de futuros intermináveis conflitos análogos. Uma solução pacífica medíocre, que possa melhorar com o tempo, é, portanto, preferível a outra solução materialmente completa, mas obtida através do confronto bélico, o qual, por si mesmo, a torna caduca.

Não somente há cansaço e condenação "por votação majoritária", mas há uma **aspiração evidente** a viver em paz entre povos e grupos. As manifestações de tal desejo são inumeráveis e aparecem em situações diversas, tais como: clamor dos povos martirizados, vozes autorizadas de diversos setores, associações e movimentos, esforços diplomáticos.

Último indicador é a convicção de que a paz seja um **projeto possível neste século**, embora as tentativas feitas até agora não tenham produzido totalmente os resultados esperados. Nesta linha, se movimentam instituições mundiais: as religiões, nas quais a paz é um dos principais objetivos, a programação da educação, o esforço cultural, a dedicação de numerosos voluntários.

Como confirmação de tudo isso, as Nações Unidas declararam o ano 2000 "Ano

Internacional da cultura da paz". Não só, mas lançaram o convite para assumir o decênio de 2001 a 2010, como década internacional da cultura da paz e da não violência para os meninos do mundo.

Qual paz?

A Palavra de Deus nos dá a confirmação de que a paz é um bem supremo e um desejo legítimo e permanente do homem e dos povos: uma condição indispensável de vida.

Ao mesmo tempo, repete que o homem, entregue a si mesmo, não consegue captar a verdadeira natureza da paz. Frequentemente, a separa da justiça e do amor. Quer a paz para si no sentido de "não ser perturbado" na posse e na fruição indiscriminada dos bens que acumula, em vez de coloca-los num relacionamento de respeito e solidariedade com os seus semelhantes. Diante disso, se vê que ele escolhe o caminho errado para instaurar a paz, consolidá-la, mantê-la nos inevitáveis altos e baixos da vida, restaurá-la; erra também quando tem ocasião de usufruir todos os benefícios que a paz lhe apresenta em determinadas ocasiões. Contemplando o século que está chegando ao fim, quem poderia afirmar que esta constatação não é verdadeira? Não foram os homens detentores dos mais altos poderes, os que desencadearam os conflitos e não foram os muitos, considerados inocentes, que justificaram estes conflitos.

O homem deve aprender a paz. De quem? A história da salvação revela, quando ou em que condições, pessoas e povos conseguem viver numa paz, que se possa chamar realmente paz.

Está na nossa experiência que, terminadas as guerras entre nações ou durante as mesmas, se acendem as contraposições étnicas ou de grupo, os conflitos familiares e pessoais. Assim, acontece que sociedades que possuem a paz pública, devem confrontar-se com uma longa sequência de conflitos que obedecem a causas múltiplas, nem todas catalogáveis nem podendo ser conduzidas a um conjunto homogêneo. A nós impressiona a violência comunicada aos jovens, como no caso das 'baby band', os 'bull', os meninos militarizados ou recrutados no mundo do crime, os rapazes "assassinos". O controle público, sempre necessário, não consegue conter a violência, quando ela se aninha nas pessoas e se torna costume. Daí nasce a proposta de penas mais severas, as recriminações contra a facilidade com que se libertam os encarcerados. Sem dúvida, é necessário o emprego legítimo da força na esfera pública para conter a violência que se alastra e que, nas sociedades organizadas, invadiu o ambiente particular. Mas é evidente que isso não basta.

A violência torna-se uma rede, isto é, consegue ligações: dos indivíduos se passa aos

grupos, os grupos formam grandes organizações também internacionais. Não é difícil notar tudo isso, lendo os jornais, quando falam a respeito de 'bandas', cartéis, 'máfias' e estruturas semelhantes.

Há também, graças a Deus, a experiência contrária: nas zonas e situações de violência difusa, se formam ilhas de paz, de concórdia, de solidariedade ao redor de determinadas pessoas ou comunidades. Vimos essas ilhas de paz nos últimos conflitos. Os meios de comunicação nos informam que elas são respeitadas até pelos violentos, pelo menos para não perderem o seu aspecto e sua credibilidade. Talvez esses violentos estejam convencidos que as pessoas, que realizam obras de humanidade e bondade, não terão influência na solução final porque são "militarmente" fracas.

Nós, porém, ouvimos e cremos que os pacíficos possuirão a terra.¹³ Também eles, na verdade, são uma rede. Se a pena de morte é cancelada da legislação de um país, eles iluminam o 'Coliseu', realizam marchas de solidariedade, recebem a aprovação do Papa.

Se há um conflito em alguma terra longínqua, o tornam conhecido, recolhem auxílios, reúnem-se em oração, mesmo entre religiões diversas, invocam a proteção de Deus nos mosteiros, enviam voluntários e, até, fazem uma cadeia de pessoas tão longa que

¹³ Cf Mt 5,5 07

chega a atingir a terra ferida pela desgraça. Sobretudo, antes de mais nada, criam "uma área" de paz com seu comportamento e com suas obras.

A paz vem do coração

Assim nos aproximamos de uma interrogação de luz e de trevas: por que, nas áreas de violência, se formam redes de paz e vice-versa?

Através dessas redes, que não são de paz, descobrimos, em primeiro lugar, a ganância de ter, de apoderar-se, de acumular. Os jornais enchem páginas e mais páginas para nos informar sobre as trapaças e a respeito dos crimes que se cometem para apoderar-se de ingentes somas de dinheiro, subtraindo-as de quem as mereceu com o trabalho, sem falar das ingentes somas subtraídas do bem-estar da população.

Também o rancor, conservado por muito tempo, torna a pessoa cruel e desapiedada e está na raiz dos crimes. O rancor tem um efeito deformador e devastador no coração: basta falar com algumas pessoas que tenham sido dominadas muito tempo por uma aversão ou por um ódio, para a gente se dar conta da gravidade do fato.

Causa de violência é também o senso de superioridade e a vontade de domínio. Às vezes, trata-se de uma superioridade nacional

ou cultural: pensamos que nossa nação ou nosso continente é mais desenvolvido e mais civilizado. Então olhamos para os outros como se fossem uma categoria mais baixa, que pode ser instrumentalizada em favor dos nossos interesses pessoais ou nacionais. Às vezes, há um senso de superioridade pessoal.

Afinal, a violência não se desencadeia sem primeiro ter "enchido" a mente das pessoas. E esta é a razão pela qual os senhores (chamemo-los assim) das guerras, antes de iniciá-las, pronunciam grandes arengas ou discursos, mandam escrever artigos para convencer a população que foi traída, que foi ofendida, que lhe foi roubada uma parte do território que lhe pertencia, ou que lhe tiraram a liberdade.

Enquanto não tiverem a mente e o coração cheios desses sentimentos de rancor e desejo de vingança, as pessoas que devem participar de uma luta, que se prevê ser cruel, não estão suficientemente motivadas.

Tudo isso nos leva à convicção de que não é vagamente espiritual ou teórica a afirmação que a paz poderá reinar entre nós somente se fizer um trabalho profundo no coração humano e se este coração não chegar ao perdão e à reconciliação

como **graça para receber**,
como **costume de vida pessoal**
(não somente ocasional!)
e como **atitude de convivência**.

Para isso, com sabedoria profética, o Concílio Vaticano II iniciou uma época de diálogo com o mundo, com as suas aspirações e realizações. E, agora, no alvorecer do Terceiro Milênio, João Paulo II convida ao desarmamento cultural e religioso, favorecendo a oração e as causas comuns com outras religiões.

E o Papa vai além, insistindo com os que representam a comunidade católica que 'peçam' perdão pelos erros do passado, em termos de direitos humanos, incompreensão, intolerância, uso impróprio da autoridade. Também nisto, é exatamente a Igreja que anuncia um tempo novo: até agora não pediram perdão nem a Casa Branca, nem o Cremlim, nem a CIA, nem o Pentágono, que talvez continuem considerando suas incursões militares, em territórios alheios, como se fossem ações de humanidade, de libertação ou de legítima defesa.

Há um "trabalho para realizar no coração humano", dissemos. Pelo evangelho, sabemos que o "coração" orienta ou dá forma a toda a pessoa: o pensamento, os sentimentos, as intenções, a obra, os projetos.

O ano 2000 vê que a UNESCO chega à mesma conclusão. "As guerras – afirma – nascem no coração dos homens e é no coração dos homens que se devem construir as defesas da paz".¹⁴

¹⁴ Cf Atto costitutivo dell' UNESCO

Cristo nossa paz

A este conceito de coração, considerado centro 'na a orientação e dá forma a toda a pessoa no seu ser histórico, corresponde a paz que Cristo é e nos traz. Ela abrange a totalidade da vida pessoal e coletiva, em sentido extensivo e de profundidade.

A paz é a soma dos bens que desejamos legitimamente, que estão ao alcance de todos e são por todos aproveitados em solidariedade, porque a posse e o uso deles é regulado pela responsabilidade, pela justiça e pelo amor: as condições suficientes de vida, as relações fraternas, a libertação dos inimigos e do medo dos ataques deles, o ter um projeto de comunidade ou nação e dele participar, o amor aos parentes e a convivência serena, a felicidade.

Tal combinação não pode ser construída artificialmente pelos homens com medidas de cálculo.

É mais difícil que "fazer uma torre que alcance o céu".¹⁵ Exatamente no esforço de construir essa paz, sem referência a alguma autoridade que una essas línguas num imperativo superior aos seus interesses, é que elas se confundem. São prova disso as atas das grandes assembleias, nas quais se alcançaram compromissos sobre as fronteiras de influência e de não agressão, inclusive Yalta.

¹⁵ Cf Gen 11,4

Por isso, é frequentíssima, na Sagrada Escritura, a afirmação de que Deus é a fonte da paz e que os homens podem possuí-la só com duas condições: à maneira de graça recebida, quase como criação da ordem no cosmo, e como uma conversão ao Senhor a fim de que nos faça amar os seus mandamentos e desígnios. Estes desígnios do Senhor concedem a sabedoria para discernir e escolher caminhos e meios para alcançar a paz. Deus é frequentemente chamado "Deus da paz", como o invocamos também no início da celebração eucarística. "Dai a paz ao vosso povo" é uma prece contínua.

Destas intuições, isto é, que a paz é um bem supremo e total; que os homens, entregues a si mesmos, perdem o caminho para procurá-la; que a paz é necessariamente ligada à graça e aos desígnios de Deus; de tudo isso têm origem a pregação e a luta profética pela paz.

As suas constantes são: a denúncia das "pazes falsas", baseadas em acordos de conveniência, muitas vezes injustos e falsos; a apresentação "sábia" das condições e das características da paz que convém e dá felicidade ao homem; o anúncio de uma paz final, pela qual o homem deve trabalhar durante o tempo que tem à sua disposição; antecipação da paz naquele personagem da salvação continuamente prometido, como chave da nossa história.

Na luz de "**Príncipe da paz**",¹⁶ **Rei pacífico, portador da paz**, os evangelistas apresentam a figura de Jesus. Não será difícil, para cada um, recordar e reler as diversas passagens que bordam esta imagem, desde o canto dos anjos ouvido pelos pastores, até à entrada em Jerusalém, até à morte, na previsão imediata da qual, o evangelista João coloca estas palavras nos lábios de Jesus: "Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz (...). Não se perturbe, nem atemorize o vosso coração".¹⁷

A Páscoa traz a paz como dom do Espírito, ligada à possibilidade de o homem ter suas "contas" ou pecados, perdoados. Não se trata de uma tranquilidade passageira e frágil, mas de um fato permanente na existência dos discípulos e de sua missão no mundo.¹⁸ Eles estão em paz, são pacíficos, são portadores de paz, são construtores da paz.

"Cristo nossa paz" será um pensamento quotidiano nas comunidades cristãs, como revelam as saudações iniciais das cartas de São Paulo. Ele assumirá esse pensamento como chave de uma visão da história e como motivação evangélica para uma ética que abrange toda a realidade: paz entre Deus e o homem, paz entre as diversidades humanas, paz entre as nossas tensões interiores, paz entre os contrastantes e incompreensíveis acontecimentos do mundo, lidos como uma his

¹⁶ Is 9, 5

¹⁷ Jo 14, 27

¹⁸ Cf Jo 20,19-21

história de salvação, paz com a natureza. *"Deus quis fazer habitar nele toda a plenitude e, por Ele, reconciliar consigo todos os seres, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dEle, por seu sangue derramado na cruz".*¹⁹

A paz será também orientação para o esforço de crescimento pessoal e para a missão do cristão no seu ambiente. "Reine em vossos corações a paz de Cristo, para a qual também fostes chamados em um só corpo".²⁰

É uma explicitação daquilo que os evangelhos apresentam como história de Jesus. Para Ele os pacíficos são bem-aventurados e filhos de Deus,²¹ gente que possuirá a terra.²¹ Os seus discípulos são anunciadores de paz, devem oferecê-la e, se o povo não a aceita, "voltará para junto deles".²³ Em todo caso, não a perderão nem permitirão que se perca por nenhum motivo. Por isso, vivem e se comportam "como cordeiros (enviados) para o meio dos lobos".²⁴

Retomando, porém, e cumprindo a pregação profética, também, para Jesus, a paz será possível somente na medida em que o homem reconheça a paterna soberania de Deus na sua vida pessoal e na organização so-

¹⁹ Col 1, 20

²⁰ Col 3,15

²¹ Cf Mt 5,9

²² Cf Mt 5,5

²³ Cf Lc 10,6

²⁴ Cf Le 10,3

cial e, além disso, acolha a mediação de salvação e de sabedoria que o seu Filho traz.

A comunidade dos cristãos, portanto, apesar de todos os seus limites, é lugar de paz, enquanto propõe a si mesma e tem o mandato de superar, no espírito, e cancelar todas as divisões e discriminações: "entre o homem e a mulher, entre judeus e gentios, entre bárbaros e gregos, entre justos e pecadores".²⁵

Realiza isso através do reconhecimento da dignidade das pessoas, dignidade que, segundo a Igreja, tem como base o amor que Deus tem para com todos, e através do perdão como atitude típica da relação entre Pai e filhos, entre irmãos e irmãs que vivem juntos na Casa do Pai.²⁶

"Deixa-vos reconciliar".²⁷

Do ensinamento de Jesus e através da reflexão mistério, compreendemos que nós, adultos e jovens, hoje e em vista do futuro, precisamos de cinco coisas.

Em primeiro lugar, devemos instruir-nos de novo sobre a paz. Muitas vezes, esquecemos a sua natureza unitária: fazemos divisões entre paz individual e paz "social"; por isso, parece-nos somente "idealístico" ligar a paz pública ao coração do homem, a

²⁵ Cf 1 Cor 12,13

²⁶ Cf Mt 6,14

²⁷ Cf 2 Cor 5,70

ordem mundial à conversão pessoal. Esta visão, mais orgânica e completa, nos permitirá discernir tanto as situações de paz que são precárias ou não verdadeiras, quanto as nossas responsabilidades com relação a esta paz que parece estar fora do nosso alcance.

Depois, devemos "converter-nos", verificar aquilo que, em nós, é contra os outros para podermos receber o perdão de Deus, de acordo com a sexta petição do Pai-nosso: pensamentos, hábitos, sentimentos, complexos corporativos nacionais ou culturais, classificações sumárias de classes ou grupos, posturas imutáveis quanto ao nosso modo de agir ou quanto às nossas convicções, sem possibilidade de 'repensamento' ou modificações; projetos exclusivos.

Esta tomada de consciência será acompanhada por um programa, por um caminho, por um itinerário, que podemos pensar para nós e também como proposta educativa a ser realizada com os jovens, e a chamaremos: educação à paz. Conforme aquilo que dissemos até aqui, ela é, contemporaneamente, educação ao perdão: a sentir necessidade dele, a aceitá-lo como graça que vem de Deus e dos homens, a sabê-lo oferecer e praticar com gestos adequados. Os percursos deste caminho foram frequentemente enunciados em reuniões e congressos. Por ocasião do ano jubilar, é urgente integrar, de acordo com os nossos princípios pedagógicos, a experiência humana e a experiência de fé, a dimensão temporal e a

transcendente, o coração e o âmbito social, o que está perto e o que está longe.

Simultaneamente, devem ser assumidas atitudes e devem ser realizados gestos de reconciliação e pacificação em toda parte, trabalhando para que haja um desarmamento em todos os níveis a partir do coração, das ideias, do nosso desejo de prevalecer. Trata-se de um compromisso urgente e típico de cada cristão e da comunidade: Deus "nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação".²⁸

Os âmbitos da Reconciliação

Vamos indicar, então, estes diversos âmbitos ou direções, com relação aos quais convém que nos instruamos, nos renovemos, nos eduquemos e passemos à ação para tornarmos a estreia mais prática.

“Vamos partir novamente de Deus” pode ser um conselho muito conveniente para uma época de eclipse, de experiência religiosa fragmentária e subjetiva, de queda do sentido do pecado, de confusão da consciência. O Jubileu do ano 2000 fala-nos de início, percurso, chegada. Por isso, a meditação preparatória do ano santo começou com o Filho Jesus que revela e torna presente Deus Pai na história humana.

²⁸ 2 Cor 5,18 11

história humana. Continuou com o Espírito, dom de Cristo, que, como amor e inspiração, move o homem, a Igreja e o mundo, rumo ao conhecimento e à comunhão com o Pai e o Filho. Conclui-se com o pensamento dirigido ao Pai, do qual teve início e ao qual tudo será reconduzido.

Esta reflexão leva-nos a nos interrogarmos quanto e como sentimos a presença de Deus na nossa vida e como e quanto nos tornamos suas testemunhas na história pequena ou grande: a imagem de Deus que construímos para nós, o relacionamento e a lembrança que temos dEle, a confiança nas suas manifestações e intervenções, a atenção e a sabedoria que Ele nos quer comunicar com sua Palavra.

Mais que de coisas particulares, que certamente têm sua importância, trata-se de reconhecer, agradecer e "bendizer" pela luz, pela alegria e pela força que a presença de Deus trouxe à nossa vida e à história da qual nos sentimos participantes; trata-se de retomar tudo isso como vocação e propósito de santidade, isto é, vivermos na sua presença, aceitarmos o seu projeto na nossa existência:

"Nós vos damos graças por vossa imensa glória". Nós, educadores, devemos dirigir a nós mesmos mais uma pergunta: quanto julgamos eficaz e transformador o levarmos Deus ao coração dos jovens, o fazermos com que eles o sintam? O grande ministério de Jesus foi revelar o Pai. É também o nosso.

Houve um tempo no qual a educação era considerada um passo prévio ou um processo desligado deste serviço aos jovens. A razão e o humanismo pareciam desligados do referido serviço: não tinham caminhos e não conheciam a meta. A invasão da religiosidade espontânea deu-nos uma lição. Enquanto nós procurávamos razões à medida de uma mentalidade do concreto, preocupada em separar e distinguir o secular do religioso, o sentimento religioso aflora do subsolo do humano.

É verdade que é preciso criar as condições de aceitação e que não se deve identificar, de maneira mágica, Deus com as necessidades do homem ou com as causas naturais.

Mas é preciso também dizer que, muitas vezes, tivemos pouca confiança nessa referência e presença no coração do homem, contra aquilo que, em seguida, notaram os observadores da dimensão religiosa. Nós, por nossa vez, temos outras duas convicções que são a espinha dorsal do Sistema Preventivo: a voz do Espírito ressoa na consciência e abre para a luz; o chamado de Cristo para a vida atrai os jovens.

Vamos ao nosso caso. É possível que o simples olhar, dirigido a Deus, já realize muitas coisas na nossa pessoa. Com muita experiência e após numerosas provas, Dom Bosco cria que a "religião" fosse uma das grandes energias educativas, no melhor sentido da palavra, isto é, inspirar e transformar o coração.

A **comunidade** familiar, religiosa, educativa é um terceiro âmbito, onde deixar-se nome de Cristo, nossa "paz".

Para explicitar este ponto, consideremos todo o relacionamento "com o outro", também para não individualizar excessivamente tal relacionamento, mas para colocá-lo em um contexto comunitário.

O Jubileu convida a purificar a experiência do encontro. Nele deve ser reconhecida a dignidade do outro, visto como aquele que não invade o nosso espaço e não é um perigo para a nossa tranquilidade, mas, com a sua diferença e imprevisível peculiaridade, é uma riqueza para nós. Em tempos idos, se falou de "guerra entre sexos e gêneros"; hoje aparece o tema da acolhida do diverso, do miserável, do necessitado.

Há uma patologia do relacionamento interpessoal e social: ansiedade, 'incomunicação', distância, preconceitos, 'rotulação' do outro em determinadas categorias, impossibilidade de superar as diferenças. E, no vértice, naturalmente, encontramos a aversão, a indiferença, o ódio, o círculo fechado que cria dependências nos membros, as barreiras nos confrontos com os outros.

O ano jubilar é o ano do perdão (dívidas, terras, estrangeiros, animais e coisas requeridas). Somos chamados a realizar um desarmamento do coração e da mente, a forçar a abertura dos grupos fechados, a participar, na comunidade, com a mente aberta e o sentimento livre.

Trata-se de repensar, reconstruir e converter-se com relação a critérios, a complexos interiores, a atitudes que guiam os nossos relacionamentos: em resumo, a reconstruir o relacionamento, considerando os outros como sacramento do Pai.

Isso, como sabemos, tem uma importância particular no serviço educativo que nós prestamos, o qual está totalmente fundado sobre o relacionamento com os jovens, como os outros educadores, com a comunidade educativa. Podemos referir-nos à rigidez, às exclusões, às distorções pessoais ou comunitárias do serviço, às improvisações personalísticas, às cordialidades superficiais.

Este quadro, começando do lado negativo, tem, na contraluz, um conjunto de expressões e de exemplos positivos que deixo a vós para que os divulgueis: eles são como que o ponto de chegada à nossa viagem de conversão.

Do nível comunitário passo ao nível mais amplamente **sociopolítico**. O início do milênio traz novidades e desafios, também neste âmbito, para a experiência humana, para a prática da fé e da educação. É preciso deixar-se reconciliar e trabalhar com paz e pela paz.

Notou-se o individualismo que invadiu a vida social a partir de uma tendência política que considera o homem e a mulher mais como indivíduos

do que como pessoas: daí nasceu o modo de conceber os direitos civis, as sociedades naturais, o direito natural, a posse dos bens, os critérios de governo, etc. E viu-se que esta concepção, favorecida e não regulada por uma legislação conveniente, passa para as pessoas e se torna mentalidade e critério. Há ainda uma expectativa incerta, após a 'queda dos muros', com relação à liberdade e à justiça.

Por outro lado, se nota o absentéismo político nas ocasiões eleitorais, nos ideais juvenis (um papel não desejado), nos confrontos políticos muitas vezes reduzidos às mesmas vozes que repetem as mesmas coisas, nas grandes organizações coletivas (partidos, sindicatos).

Aparecem novas dimensões da sociedade política, que chegam a abarcar o mundo: as organizações político-econômicas dos diversos continentes (Mercado Comum Europeu, Mercosul, Nafta...), a busca de uma autoridade mundial com caráter de domínio jurídico e moral.

Cresce a dimensão social através de organizações livres, nas quais é possível elaborar concepções de vida, serviços de amplo alcance (cf voluntariado) e até mediações internacionais (cf a paz em Moçambique, etc.). A respeito disso, há uma riqueza de ensinamento eclesial que representa a visão evangélica do amor ao homem nessa passagem confusa, mas de grandes projeções.

A estreia nos convida a "estarmos presentes", a não nos ausentarmos nem a ficarmos escondidos na sociedade, a estarmos nela, não como simples turistas, curiosos, pesquisadores ou críticos, mas a intervirmos como corresponsáveis, de acordo com a nossa vocação e "profissionalidade", a orientarmos os jovens com conhecimentos e experiências sociais, a não ficarmos esperando, como "dependentes", espaços de iniciativa e "voz", mas a realizarmos, com liberdade, aquilo que nos cabe, a multiplicarmos as propostas sociais do bom fermento.

O bom cidadão é o centro do nosso programa educativo, juntamente com o bom cristão. Para isso, por outro lado, existem as novas dimensões da comunhão eclesial visibilizada: a evangelização com dimensões mundiais, a globalização da solidariedade humana (ajuda, presença, acolhida), o diálogo ecumênico e inter-religioso. A conversão leva não só a informar-se a respeito das 'novidades', mas a assumir os valores que elas contêm.

Há uma outra realidade com a qual fazemos a paz em Cristo : são os **tempos**, os fenômenos, a cultura, as condições nas quais vivemos. É claro que "paz" não quer dizer igualar-se ou deixar-se dominar, mas serenidade, confiança e capacidade de diálogo com o contexto, no qual nos cabe viver e evangelizar. Vivemos em tempos de pluralismo, de complexidades em todos os níveis, de liberdade que frequentemente se

transforma em libertarismo, de competitividade marcada por carências éticas. E, contemporaneamente, vivemos em tempos de mobilidade e abertura das fronteiras, de informações sem limite, que se tornaram possíveis pela comunicação social, de grandes causas transversais, de expansão do espaço conquistado.

Estes são os tempos, nos quais Deus quis colocar-nos a fim de que sejamos pessoas humanas feitas à imagem dEle e de seu Filho Jesus. As tendências e as situações negativas, com as quais nos chocamos, são muitas vezes corrupção de aspirações radicalmente positivas. O libertarismo é corrupção da liberdade; hedonismo é deturpação do sentido da vida; subjetivismo é exaltação indevida do valor particular da pessoa, e assim por diante.

Como discípulos de Jesus, somos chamados a não nos desinteressar, a não nos afastar nem nos amedrontar, mas a colher as aspirações, a avaliar-lhes as expressões e a conduzir tudo a realizações verdadeiras e autênticas. Pede-se-nos para ler os sinais do nosso tempo à luz da Encarnação, recuperar-lhes as sementes, salientar-lhes as realizações boas, contestar as falsas, projetar outras: sermos sempre testemunhas e portadores de esperança.

"Deus amou o mundo." amou o nosso gênero humano e a sua fascinante história. Isto nós o experimentamos até o ano

¹² Jo 3,16

2000. E é verdade de fé que continuará. Também nós devemos aceitar e amar a humanidade e a história sem ingenuidade, mas também sem aquele espírito negativo que para nas limitações e não sabe descobrir o 'passo' do Senhor, o qual sempre renova a sua aliança e promete a comunhão plena consigo.

Alegrar-se, agradecer e aproveitar as enormes possibilidades, também nos contextos que nos parecem difíceis de serem permeados pelo Evangelho. Sem dúvida, é mais fácil anunciar o Evangelho num ambiente confessional e simples, onde a resposta é imediata e abundante. Mas não se quer dizer que isso seja mais importante ou mais carregado de consequências para o futuro que anunciá-lo em um contexto, aparentemente menos predisposto. Para cada um desses contextos, Deus tem um pensamento ou uma oferta de salvação. "Jesus desceu para Cafarnaum".³³

Nesta indicação podemos ver o movimento de Cristo em direção aos lugares onde palpita a vida do povo, que não tem nenhuma referência religiosa particular. Diferente de Nazaré e de Caná, aldeias rurais, Cafarnaum representa o ambiente urbano. Comparada com Jerusalém, lugar do templo, Cafarnaum é a cidade das guarnições militares, do comércio, da administração, do poder político. Lá se processou o ministério

¹³ Lc 4,31

político. Lá se processou o ministério de Jesus com pregações ao ar livre, visita às casas (a de Pedro, por exemplo), encontro com os doentes e endemoninhados, discursos na sinagoga. Hoje se fala de areópagos do Evangelho com relação às realidades mais características da cultura secular.

Em cada um dos desafios atuais, há uma oportunidade nova para o Evangelho. "Chegou a hora para nós". Este é o tempo que Deus nos oferece; o tempo que nós devemos levar e transformar. Inútil e prejudicial é pensar em outro tempo melhor, no passado ou no futuro.

Concluo me referindo a uma "paz e reconciliação" a partir do coração, que, na aurora do ano 2000, se torna tema de política planetária, de educação e de fé: a paz com a natureza e com a criação.

Já há material para compor um dicionário com as leis contra a poluição, os planos para proteger a atmosfera, a ação idealística das organizações "ambientalistas". Ao lado disso, encontramos a deturpação, a exploração indiscriminada, o uso louco e inútil de elementos preciosos, o açambarcamento dos recursos da natureza para os fins, próprios de quem tem o poder político e econômico. O homem tem medo, e não sem razão, pela sua casa que é o mundo.

A Bíblia indica, no momento da criação, um relacionamento sereno, quase idílico, entre o homem e as diversas ordens do

universo: humana, animal, vegetal, celeste, terrestre, marítima. Harmonia, equilíbrio ecológico, uso razoável dos bens, convivência, trabalho criativo e hierarquia descrevem esse relacionamento. O mundo habitado pelo homem é um jardim; ele deve cultivá-lo para obter frutos. Os animais vivem nesse jardim. Deus nele encontra-se bem e nele vem passear, porque aí está o homem, seu parceiro, e porque o ambiente está em ordem. O jardim dado ao homem é também a 'quinta' de Deus.

O desencadear-se das paixões provoca o desequilíbrio e altera o relacionamento entre Deus e o homem.

Há agressões, instrumentalização, deturpamento. Por muito tempo, o homem não percebeu os verdadeiros efeitos da sua agressão ao mundo criado. Este mundo parecia grande com relação à população e misterioso para os homens que o conhecerem. Os instrumentos, dos quais o homem dispunha, estavam abaixo das dimensões e complexidades do mundo. O homem aceitava o ritmo das estações, as lentas ocorrências das colheitas, os limites da geografia, as leis da matéria.

Hoje, mais do que nunca, deve-se repensar no sentido daquela convicção de fé que afirma: o mundo e o homem foram criados por Deus. Isso quer dizer, em primeiro lugar, que o homem e o ambiente são 'orgânicos', quase destinados um ao outro; que há leis internas que garantem este relacionamento.

Essas leis, ignoradas ou deturpadas, "vão à desforra".

Na ordem do mundo, são certamente contempladas as necessidades que o homem deve satisfazer de acordo com sua vida e seu destino. Com simplicidade, a Bíblia afirma que o Senhor deu ao homem todos os vegetais e todos os animais para que deles se servisse. Entregou-lhe também o mundo para que o cultivasse como administrador, não como déspota.

Quando o homem perde o seu destino, acaba por despojar ou quase arrasar a terra. Assim, quando acha que a sua felicidade esteja totalmente concentrada na posse dos bens materiais, é quase infalível que ele ceda à tentação de aproveitar-se da natureza, sem respeito e sem economia. É a história atual.

Os bens foram sabiamente distribuídos por toda a terra para que os diversos grupos de pessoas tivessem o alimento, o necessário para construir as suas habitações, os meios para se deslocar de um lugar para outro. Quando não se aceita esta visão e se cede à cobiça, acontece, por exemplo, que as terras da África sejam cultivadas por companhias estrangeiras para obter produtos "supérfluos" em vantagem de países, onde se 'nada' na abundância, enquanto a população local não tem nem o que comer; que se extraia ouro ou petróleo para enriquecer-se juntamente com pessoas que vivem longe, enquanto a população local recebe salários de fome.

"Terra rica, gente pobre!" costuma-se dizer. A exploração e a poluição andam juntas, como andam juntas a exploração e a ganância, a qual costuma acompanhar o esbanjamento absurdo.

Mas o mundo, "criado" e "doad" ao homem, devia falar a ele da sua vocação e do seu Criador através da beleza, da luminosidade e da fecundidade. Os salmos são estupendos a esse respeito. Um deles foi repetido por um astronauta, enquanto navegava pelos espaços infinitos: "A glória de Deus os céus proclamam; as obras de suas mãos o firmamento anuncia. O dia transmite a mensagem ao dia, e a noite a ensina à noite seguinte. Não são discursos nem há palavras".³⁴

Os montes, as torrentes, os cedros e as outras árvores, os animais mansos e os ferozes, as flores, as plantas cultivadas que dão alimento (o trigo, a oliveira, a videira), a luz da manhã e o ocaso, a neve, a geada, o mar são objetos de serena contemplação.

A beleza é percebida e penetra na alma e, de tudo, chegamos a esta conclusão: "Ó Senhor, nosso Deus, como é grande o vosso nome sobre toda a terra! Se olho para o céu, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que lá pusestes, que é um mortal para que dele vos lembreis? Quem é, para que cuideis dele? Sob os seus pés tudo pusestes: ovelhas, bois, animais selvagens, aves do céu e peixes do mar e as criaturas dos oceanos profundos".³⁵

³⁴ Salmo 19,1

³⁵ Salmo 8

Educar-se, portanto, e educar ao olhar maravilhoso, a subir do dom ao Doador, à proteção do belo, ao uso discreto e até austero dos bens naturais, à partilha responsável desses bens, são urgências do ano 2000 que o Jubileu inclui na reconciliação.

CONCLUSÃO

Parece-me já estar ouvindo um comentário a esta explicação da estreia, a qual deve estar bem unida, no que diz respeito aos fundamentos e às motivações, à Carta. "Reconciliou-nos consigo e nos confiou o ministério da reconciliação".³⁶

Não são muitas as linhas de empenho enunciadas? Podem-se realizar todas?

O fim do século e do milênio, que nos leva ao mistério do tempo humano e do significado de Cristo dentro desse tempo, requer uma visão ampla, quase uma nova síntese, que nos estimule a pensar numa integralidade educativa sobre os horizontes da fé e do humanismo. Na verdade, a concepção do homem e a fé não estão no turbilhão desta passagem.

Sob o ponto de vista prático, podem-se colocar sucessivamente todos os âmbitos indi-

cados pela nossa estreia e repensar, à luz da Palavra, aquilo que a nossa experiência nos faz salientar neles como mais urgente, ou escolher algum, em particular, que julgamos mais adequado ao caminho de fé, aos interesses ou à idade dos jovens.

O importante é trazer à 'nossa' plenitude dos tempos, a dois mil anos de distância do nascimento de Jesus, o anúncio dos anjos: "Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens 'por ele amados'!"³⁷

É o convite de João Paulo II: "Escutando novamente o anúncio dos Anjos no céu de Belém (cf Lc 2,14), [os cristãos] se lembram dele, conscientes de que Jesus "é a nossa paz" (Ef 2,14), é dom de paz para todos os homens. As suas primeiras palavras aos discípulos, depois da Ressurreição, foram: "a paz esteja convosco!" (Jo 20,19.21.26). Ele veio para unir o que estava dividido, para destruir o pecado e o ódio, despertando, na humanidade, a vocação à unidade e à fraternidade. Ele, portanto, é "o princípio e o modelo desta humanidade renovada, permeada de amor fraterno, de sinceridade e de espírito de paz, à qual todos aspiram vivamente"(Vat II , Decreto sobre a atividade missionária da Igreja - Ad Gentes 8).³⁸

36 2Cor 5,18

³⁷ Lc 2,14

³⁸ Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do Dia Mundial pela Paz - 1º de janeiro do ano 2000.

No Missal da Bem-aventurada Virgem Maria, há uma celebração em honra de Maria Virgem, Rainha da Paz.³⁹ Os textos recordam os fundamentos da nossa esperança nela. Acolhendo e educando Jesus, colaborou naquela reconciliação que está na base de todas as outras: a Encarnação. Porque nela emergem a sabedoria, a atenção à vontade de Deus e a alegria, ela se mostra mulher "pacífica" nas provas da maternidade, na fuga para o Egito, no episódio do encontro de Jesus, ao pé da cruz; "Portadora de paz" nas Bodas de Caná, no cenáculo e na história do povo cristão.

Assim se exprime o prefácio:

Ela é a humilde serva,
que, acolhendo o anúncio do anjo
Gabriel,
concebeu, no seu seio virginal, a Jesus
Cristo nosso Senhor.
É a Mãe cheia de fé, que ficou intrépida
perto da cruz,
onde o filho, pela nossa salvação,
pacificou, com o seu sangue, o céu e a terra.
É a verdadeira discípula de Cristo, príncipe
da paz,

³⁹ Messale della Beata Vergine Maria – Conferenza Episcopale Italiana - Libreria Editrice Vaticana 1989 - p. 145-147.

que, juntamente com os Apóstolos, esperou, na oração, o Consolador prometido,

o Espírito de unidade e de paz, de alegria e de amor.